

Educação emocional com base em Max Scheler

Emotional education based on Max Scheler

Almiro Schulz

Universidade Federal de Goiás (UFG)

almiroschulz@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/0388519214129360>

Alyne Costa Santos

Universidade Federal de Goiás (UFG)

alynesantos07@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3170095875418264>

Márcia Cristina Machado Oliveira Santos

Universidade Federal de Goiás (UFG)

marciacia2@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2444420295939030>

Reinner Alves de Moraes

Universidade Federal de Goiás (UFG)

reiner14@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0327226939262942>

Resumo

Entre os vários problemas e desafios que hoje são aferidos ao processo educativo ou formativo, está em pauta a formação emocional, em consequência da complexidade da vida moderna e suas demandas. A visão e a compreensão do assunto dependem das teorias antropológicas e educacionais subjacentes. Quer-se apresentar o problema da formação emocional a partir do filósofo Max Scheler, sobretudo com base em sua visão antropológica e axiológica que fundamentam toda a sua visão de mundo. O texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica feita em alguns dos seus textos primários, bem como também de texto de comentadores e textos afins. A questão emocional ocupa um lugar central no pensamento de Scheler, considera-a a priori à razão, sendo que concebe que a essência do homem não é a razão, mas sua especificidade entre os seres vivos é o espírito. Segundo ele, os valores são captados pela intuição emocional, em razão de ser espírito, que o diferencia dos outros animais. A formação emocional é uma questão de vivência e não de cognição.

Palavras-chave

Espírito. Educação Emocional. Max Scheler.

Abstract

Among the many problems and challenges that are currently assessed in an educational or training process is emotional education, due to the complexity of modern life and its demands. A perspective on and understanding of this matter depend on underlying anthropological and educational theories. The aim of this paper is to present the problem of emotional education based on the concepts of the philosopher Max Scheler, above all based on Scheler's anthropological and axiological perspectives that are the basis of his whole vision of the world. The text is the result

of a bibliographical study made in some of his primary texts, as well as texts of commentators and related texts. The issue of emotion plays a prominent role in Scheler's thought; a priori, he considers it reasoning, though he conceives that the essence of humans is not reasoning. Rather the specificity of humans among living beings is spirit. According to Scheler, values are grasped by emotional intuition, since it is a spiritual reality, which differentiates humans from other animals. Emotional education is a question of experience and not of cognition.

Keywords

Spirit. Emotional Education. Max Scheler.

Introdução

Entre muitos problemas da sociedade contemporânea, encontram-se as doenças chamadas mentais e emocionais cujas diferenças nem sempre são fáceis de diagnosticar e de distinguir. A pessoa pode, inclusive, sofrer de ambas. Os sintomas e males delas decorrentes são objeto de preocupação e de intervenção da área da saúde, em especial da neurologia, psiquiatria e psicologia. Todavia, não é essa a dimensão ou o problema a ser abordado neste texto e, sim, a preocupação também em pauta e que tem se tornado cada vez mais desafiador da chamada saúde emocional e de sua relação com a formação e a educação. Nesse sentido, este texto, portanto, fará considerações sobre a educação emocional.

Entre as abordagens feitas sobre o assunto, uma das obras que se tornou conhecida e de referência foi *Inteligência emocional* (1995), de Daniel Goleman, cujo foco recai sobre a constituição e a formação emocional. Em torno dessa obra, desenvolveram-se estudos e experiências de aplicação, principalmente na área de educação formal ou não formal. Essa discussão gerou um interesse maior sobre a emocionalidade, especialmente sobre relações interpessoais no âmbito do trabalho. Hoje há várias publicações e pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento sobre esse assunto como a tese de Veiga Branco intitulada *Competência emocional em professores: um estudo em discursos do campo educativo* (2005).

O objetivo neste texto não é fazer uma análise da teoria de Goleman e nem de sua aplicabilidade, mas apresentar resultados do estudo de textos de Max Scheler sobre as emoções humanas e a partir da visão desse autor, fundamentada numa antropologia ou meta-antropologia e axiologia, buscar elementos para compreender a formação emocional. Tal iniciativa visa contribuir com a reflexão e os estudos que estão sendo realizados em torno do problema da educação ou da formação emocional, trazendo, pois, para este objeto de estudo contribuições de Scheler, que se justificam em razão de ele ter tomado a emoção como uma de suas questões centrais e ter dado a ela um tratamento peculiar a partir de sua antropologia e axiologia. Em *Esencia y formas de la*

simpatia (1950), há o debate de Scheler com alguns de seus contemporâneos, principalmente Husserl e Stein. Como considera Mello (2007, p. 11), “Scheler discorda da teoria da empatia de Husserl e de alguns de seus discípulos, como Edith Stein, porque a intersubjetividade presente na teoria da empatia seria somente subjetividade, dada que o outro seria mera projeção do eu transcendental”.

A questão da emocionalidade, ou seja, da emoção, foi muito caro a Scheler. Não que isso tenha sido algo inédito, até porque o interesse desse filósofo em relação ao tema, tornando-se problema central de pesquisa, foi estabelecido em diálogos com Agostinho (Scheler, 2012, p. 9) e com Pascal (Scheler, 2012, p. 22). Em *Ética* (1948, p. 25), ele diz: “Muy pocos pensadores se han alzado contra este prejuicio. Y estos pocos no han llegado a la formación de una teoría propia. Incluyo entre éstos a SAN AUSTÍN y a BLAS PASCAL”.

Tendo em vista o exposto, importante destacar que este texto é produto principalmente de uma análise bibliográfica primária das produções do autor, tais como *Ordo amores* (2012), *A forma de la simpatia* (1950), *A posição do homem no cosmos* (2003), *Modelos e líderes* (1998) entre outros. Também da leitura de alguns comentadores e de dissertações de mestrado e de textos afins. Scheler, ao que até aqui sabemos, não publicou nenhuma obra específica sobre formação emocional, nem a educação foi objeto específico de seus escritos, mas isso perpassa suas reflexões e textos. A visão que ele possui sobre educação e emoção pode ser apreendida pela leitura de suas obras, sendo as mais específicas as mencionadas acima.

Assim, este artigo encontra-se estruturado e desenvolvido em cinco partes. Na primeira será apresentada a concepção antropológica de Scheler como fundamento de sua visão sobre o campo emocional, exigindo discorrer ainda sobre a visão que possui de homem. Na segunda, será pontuada a concepção axiológica do autor sobre valores e divergências que possui com alguns de seus contemporâneos. Na terceira, será apresentada uma noção sobre os elementos da emocionalidade, sobre a diferenciação entre sentimentos e emoção. Essa parte tratará, pois, da formação emocional. Na quarta, será pontuada a apreensão do processo formativo e sua relação com a educação emocional. Por último, na quinta, será destacado o modo como o pensamento de Scheler poderá contribuir para uma prática educativa que vise à formação emocional de educadores ou professores.

1. Concepção antropológica/meta-antropologia: espírito como essência do homem

Scheler (1986, p. 73) ao tratar sobre o homem e a história revela que uma de suas preocupações visava responder à seguinte questão: o que é o homem? Em meio a várias teorias e concepções diz:

Se há um problema filosófico cuja solução é exigida com a maior urgência pela nossa época, é este o problema de uma antropologia filosófica. Refiro-me a uma ciência fundamental da essência e da estrutura essencial do homem; da sua relação com os reinos da natureza (o inorgânico, o vegetal, o animal), bem como com o fundamento de todas as coisas; da origem metafísica da sua essência, como do seu início físico, psíquico e espiritual no mundo [...].

Como já dito em outras ocasiões, segundo Scheler, o homem não se define por ser racional, pela razão, sua essência não é a razão e, sim, o espírito. Essa é a questão central que o diferencia das outras antropologias, classificando o homem a partir de cinco concepções. A primeira compreende o homem segundo o teísmo, visão judaica cristã. A segunda está assentada na ideia de origem grega, o *Homo Sapiens*. A terceira alicerça-se no naturalismo e no positivismo, o *Homo Faber*. A quarta e a quinta não se apresentam tão definidas assim, mas expõem uma visão pessimista do homem, o homem como “desertor da vida”, como “um beco sem saída” e, por último, o “super-homem” na perspectiva nietzschiana (Scheler, 1986). É em *A posição do homem no cosmos* (2003) que essa questão é tratada de modo mais específico. Ali é feita uma análise evolutiva, comparativa, partindo da vida vegetativa, das plantas ou vegetais, passando pelos seres orgânicos simples até os mais complexos – processo nomeado por Scheler de “a construção do mundo psíquico – e, por último, dá-se o salto metafísico, para o espírito. Cinco formas caracterizam esse processo evolutivo: a primeira é o “impulso afetivo” que se situa e se limita no âmbito vegetal (Scheler, 2003, p. 8); a segunda caracteriza-se pelo instinto, parte integrante de todos os seres orgânicos (p.15); a terceira é chamada de memória associativa (p. 22), definida como uma aptidão que não pertence a todos os seres vivos, apenas aos animais: “O princípio da memória associativa já atua até um certo grau em todos animais [...]” (Scheler, 2003, p. 25); a quarta é denominada de “inteligência prática” (p. 28), também chamada de razão prática ou técnica, caracteriza-se pela inteligência, superando a memória associativa, manifestando-se nos animais mais evoluídos e, em especial, em grau maior, no e pelo homem e, por último, o espírito, que é a essência e a especificidade do humano.

Segundo esse processo de evolução, os níveis ou formas presentes no ser humano, chamados de psíquicas, o identifica com os demais seres vivos, estando sujeito à pulsão, ao instinto e sendo portador da razão associativa e prática. A diferença do homem em relação aos animais mais evoluídos, aos quais atribui um nível de razão prática, é o grau superior de inteligência.

Todavia, isso não marca uma diferença na essência. A razão, pois, não é fator essencial de diferenciação. Scheler, ao discutir sobre a especificidade humana, sobre a diferença entre o homem e o animal afirma que:

Mas aqui levanta-se a questão decisiva para todo o nosso problema: se já advém inteligência ao animal, não existiria em última instância mais do que uma diferenciação de grau entre o homem e ao animal – ainda existiria então alguma diferença essencial? Ou será que há ainda algo totalmente diverso no homem para além dos estágios essenciais até aqui tratados, algo que lhe adviria especificamente e não é de maneira alguma tocado e exaurido através de noções tais como a de escolha e inteligência em geral? (SCHELER, 2003, p. 34).

Para ele a essência do homem não é a razão, mas o espírito, considerado salto metafísico no processo evolutivo e que lhe é peculiar, como já dito. Em síntese, o ser humano é pulsão, psique e espírito, chamado de “novo princípio” (Scheler, 2003, p. 36). O espírito como a essência do humano caracteriza-se pelo seu “desprendimento existencial do orgânico, pela sua liberdade, sua separabilidade – ou ao menos a separabilidade de seu centro existencial” (Scheler, 2003, p. 36), sua abertura para o mundo. Mello (2007, p. 36-37) considera que, para Scheler, o atributo do espírito é principalmente a abertura para o mundo e a objetividade. Segundo Klaus (2014, p. 33), a objetividade como ser espiritual se caracteriza pela capacidade de “conhecer as coisas em si sem o auxílio de estruturas externas, químicas ou psíquicas”. Em relação à abertura para o mundo diz: “homem é o único ser que consegue se comportar abertamente ao mundo de modo infinito, sem inibições oriundas do corpo orgânico e psíquico” (Klaus, 2014, p. 34). Fromm (1981, p. 60), em concordância ao que foi exposto, considera que as concepções restritas a uma concepção puramente naturalista, seja ela da psicologia ou da sociologia, salientam a natureza animal, instintiva do homem, reduzindo as emoções ao meramente determinado pelos instintos, de forma natural.

Num texto publicado em 1926, traduzido e presente no livro *Visão filosófica do mundo* (1986), Max Scheler apresenta sua preocupação com a essência do homem afirmando que: “Em época alguma foram as opiniões sobre a essência e a origem do homem tão incertas, tão indeterminadas e tão variadas como a nossa – a longa e profunda preocupação do autor com o problema do homem dá-lhe certamente o direito de fazer esta afirmação” (Scheler, 1986, p. 74). A partir disso, é possível considerar que a concepção educativa está relacionada à visão de mundo e de homem e, nesse sentido, são pertinentes essas considerações a fim de buscar as contribuições de Scheler para pensar a educação e, em particular, a emocional.

2. Concepção da meta-axiologia

Já antes de se voltar para a antropologia, sobre o que chama de questão fundamental de preocupação – O que é o homem? –, como escreve no prefácio da primeira edição do livro *A posição do homem no cosmos* (2003), Scheler discute valores, sem essa visão também não é possível compreender todo o pensamento desse filósofo. Já existe muita coisa escrita sobre isso como a obra *Max Scheler: o personalismo ético* (1996) de José Silveira da Costa e *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler* (2000) de Rosane Maria Batista Pereira dentre outras. Sendo assim, apenas algumas considerações gerais serão feitas para servir e auxiliar na compreensão da emocionalidade ou formação emocional a ser tratada mais especificamente adiante.

Para Scheler, os valores são os condicionantes das ações humanas e do processo histórico. Ginetti (2010, p. 27) assegura que, segundo Scheler, “história é o valor subjacente”. Na visão dele, eles, em especial os valores éticos/morais e religiosos, são absolutos, universais e constituídos de forma hierárquica, de menor importância ao de maior importância; dos úteis aos vitais; dos vitais aos espirituais (essenciais) e no topo evidencia-se os religiosos. Os valores existem a priori, não são criados, mas percebidos pela intuição e sua relatividade histórica se deve à percepção. Todo o processo educativo ou formativo está vinculado à percepção e à vivência de valores.

Scheler trata dos valores em sua ética, considerada ética emocional, também ética material, onde já apresenta que a percepção dos valores se dá pelo amor em primeira instância e não pela cognição. Pode-se considerar que a vivência tem por base o amor, é ele a direção motriz, tem alcance ontológico para além do psíquico. O autor trata mais especificamente sobre o amor em *Moral cristã e o ressentimento* (1912), *Ordo amoris* (1912) e *Esencias y formas de la simpatia* (1950).

Quando Scheler aborda o sentido dos valores em confronto à concepção moderna, relativista e subjetivista diz:

[..] los valores se han evidenciado como fenómenos radicales e irreductibles de la intuicion sentimental. No obstante, nos sale ahora al paso el principio de la subjetividade y relatividade de los valores, em particular de los Morales como uma convicción tenaz de la filosofía de casi todo el mundo moderno [...]. (SCHELER, 1948, p. 37).

Para ele os valores não são criados, são percebidos de forma intuitiva. A relatividade ou a subjetividade não caracteriza os valores em si. O que os caracteriza é a vivência e, nesse sentido,

eles tornam-se importante para a educação, já que ela tem por base como os valores são percebidos e vividos.

3. Elementos da emocionalidade/níveis de sentimentos da sensibilidade: vitais, psíquicos, puros e espirituais

Mesmo postas as duas bases fundamentais (antropologia e axiologia) para compreender a concepção de Scheler sobre educação, para tratar e entender a visão que possui sobre educação emocional é importante também compreender como o autor conceitua o termo emocional. Desse modo, faz-se necessário traçar os principais elementos que constituem a emocionalidade, contribuindo para a compreensão de formação emocional, que é o principal foco desta abordagem.

Pode-se considerar que a visão de mundo de Scheler se situa entre o emocional e o empírico, racional. Isso não significa uma separação entre eles, mas sim unidade em graus de vivência. Esses graus de vivência percorrem o impulso afetivo no sentido de “ir para e voltar para” (Mello, 2007, p. 31), sendo especificamente do reino vegetal, passando pelo instinto, pela inteligência associativa, alcançando a inteligência prática e elevando-se até o espírito, que é a capacidade de ideação, a neoética, as leis do espírito, que é o grau mais lato, a esfera dos atos da pessoa, ou seja, o ato de ideação. Como diz Scheler (2003, p. 47): “Se quisermos tornar ainda mais clara para nós no detalhe a particularidade, a singularidade do que chamamos espírito, então o melhor a fazer é nos ligarmos a um ato especificamente espiritual, o ato da ideação”.

Scheler classifica a emocionalidade a partir da sensibilidade física até os sentimentos “puros”. Num primeiro nível, situa-se a sensibilidade física, orgânica, que percebida no corpo humano é individual, localizada, e não pode ser compartilhada como ocorre com uma dor de dente. Num segundo nível, estão os sentimentos vitais, que também não são compartilhados e nem podem ser localizados na dimensão física, no corpo, como o sentimento de bem-estar por exemplo, que é um sentimento como um todo. Num terceiro nível, encontram-se os sentimentos psíquicos que estão relacionados ao organismo natural, mas, ao mesmo tempo, transcendem o organismo físico e a individualidade pois tendem a ser compartilhados como alegria, tristeza, como depressão, empatia e medo. Num último nível, localizam-se os sentimentos “puros”, que estão para além da individualidade e são partilhados. Esses sentimentos só são vivenciados pela e na intersubjetividade.

Scheler evitou o uso do termo intersubjetividade em razão de sua discordância com Husserl, preferiu usar “relacionalidade”. Ele escreveu um longo texto sobre “*A forma de la simpatia*” e é nesse conceito que é preciso buscar a compreensão do nível mais elevado da

emocionalidade. A divergência que teve com Husserl foi justamente sobre a compreensão de empatia. Para Scheler, empatia se diferencia de simpatia, já em Husserl essa diferença não se mostra. Scheler defende que na empatia o outro projeta-se na consciência de si, isso apenas no âmbito da subjetividade, de um sentimento individual não compartilhado. Já a simpatia pressupõe dois sujeitos e requer reconhecimento mútuo entre eles, não é um ato de conhecer, pertence à vida emocional pura e não ao aspecto cognitivo. Não é uma relação sujeito-objeto, é uma relação de participação do mundo do espírito, portanto, é universal.

Para, então, compreender a formação emocional é preciso levar em consideração toda a visão de Scheler que perpassa os níveis dos sentimentos, do físico, do psíquico e do sentimento “puro”, não regido pela sensibilidade, mas mediado pelo amor. O amor não é entendido como paixão, como impulso sensível, mas como ato espiritual. Desse modo, as emoções acompanhadas pelo amor não são cegas.

4. Processo formativo emocional

A partir de Scheler, a educação emocional precisa ser pensada como um processo não necessariamente linear, pois sua variação depende da valoração entre o útil e o metafísico. Para o filósofo, o ser humano é o único que se situa entre dois mundos: o da natureza, da qual emerge, e o do espírito, para o qual se direciona, ou seja, que é sua destinação. Nesse “caminho” conta com duas forças: da pulsão e do espírito. A pulsão abrange a vida vegetativa, sensitiva, e é o primeiro nível da vida, que [...] “não existe apenas em todos os animais, mas também se encontra presente no homem” [...] (Scheler, 2003, p. 13). O espírito, como já visto, abrange a especificidade do homem, é o que o diferencia de todos os outros seres vivos, ou seja, é a diferença essencial entre o homem e o animal, condição do processo educativo como humanização e não domesticação.

Considerando o processo formativo e, no caso, o emocional, Scheler conta com a razão e a percepção afetiva, com a cognição e a emoção, que se dá sobretudo pela vivência. Para ele, a formação não é algo estanque entre o alargamento quantitativo do conhecimento e a experiência vivida, é algo que no processo é uno, mas que pode evoluir ou retroceder em relação a sua destinação para a formação emocional pura, alcançando o nível mais elevado, o que será mostrado na sequência.

4.1. Níveis de formação

Scheler não fala em separação, mas em visão unívoca, fala sempre em níveis ou graus de diferenciação; na visão antropológica, em pulsão e espírito e, na axiológica, em hierarquia de

valores. Nesse sentido, pode-se considerar que o ser humano, no processo da formação emocional, evolui segundo alguns níveis, tais quais: 1) O nível mais baixo, primeiro nível, é atribuído aos valores sensoriais, vinculados aos sentimentos da utilidade, o ato do querer; 2) O segundo nível é dedicado aos valores vitais, vinculados ao corpo e à preservação da vida; 3) O terceiro nível está relacionado aos valores espirituais, da cultura, do saber das essências; 4) O quarto nível, o mais elevado, está atrelado aos valores religiosos, ao sagrado. Pode-se considerar que a formação emocional não se desenvolve de forma estanque, ocorre a partir da percepção e da vivência dos valores de modo hierárquico, instituído e manifestado pelo amor, numa relação compartilhada com o outro, pois o homem antes de ser um *ens cogitans* ou um *ens volens*, é um *ens amans* (Scheler, 2012, p. 15).

4.2. O lugar educativo no processo de formação emocional

Como já referido neste texto e em outros já publicados, Scheler não é considerado um educador no sentido de ter desenvolvido uma teoria educacional, mas é possível encontrar em seus textos uma visão filosófica de educação e o lugar de importância a ela atribuída, tanto a secundária quanto a superior. Ele também não possui propriamente um texto que trate da questão entre educação e formação emocional. No entanto, por dar à emoção um destaque em sua visão de mundo, tanto no aspecto antropológico como axiológico, este texto busca relacionar o lugar da educação emocional no processo formativo.

4.2.1. A educação: formação emocional que ocorre por meio da vivência

Para Scheler, a formação emocional não é uma questão abstrata, mas concreta, material, que evolui de sentimentos sensoriais não compartilhados até a emoção pura, primeira, a priori. Sendo assim, essa formação não decorre prioritariamente do processo cognitivo, do pensamento, ou seja, da cognição. Pode sim, ocorrer em consequência do uso da razão, mas não depende e não se expressa pela linguagem oral, racional. Sua origem, a raiz que a sustenta, conforme apontado anteriormente, manifesta-se na vivência. Desse modo, a formação emocional evoluirá de acordo com a vivência, da percepção dos valores mediado por amor, numa relação de empatia e simpatia, dois conceitos já apresentados anteriormente.

Diante disso, o objetivo aqui é discorrer um pouco sobre a relação da educação emocional a partir do aluno e do mestre, ou melhor, da relação professor e aluno no processo educativo. Para compreender o que Scheler pensa sobre o exercício profissional e a vivência emocional, tomou-se como referência *Modelos e Líderes* (1998). Nessa obra, pode-se apreender o que decorre numa

relação modelo e aprendiz. O que se quer destacar aqui é que a formação emocional, sobretudo pura, depende e se dá na relação com um modelo, que pode ser o professor ou quem exerce o papel educativo, não exclusivamente o docente, até porque Scheler, ao tratar de líder e de modelo, não faz referência à docência. A referência feita por ele é aos que ocupam e exercem função de liderança nos diferentes âmbitos das relações sociais. O modelo atrai seguidores pelo exemplo, pela vivência, na qual a atração ocorre não a uma pessoa e, sim, ao valor percebido que se dá pelo amor ao valor vivido e não pela cognição, por conhecimentos informativos. Isso revela a importância da relação afetiva entre mestre e aluno. Diz Scheler (1998, p. 16) que [...] “ao passo que a influência exercida pelos modelos, é obscura e misteriosa”, diante disso, é importante destacar a relevância da formação emocional dos docentes para que se tornem mediação no processo formativo emocional de seus alunos.

De sua abordagem de “líder e modelo”, é possível apreender que a contribuição dos professores no processo formativo emocional dos alunos se dará mediante situações de vivências que revelam valores mais altos ou mais baixos. Ao distinguir líder e modelo, Scheler (1998, p. 27) considera que: “Os líderes exigem de nós um agir, uma atividade prática, um comportamento. Já o modelo exige um modo de ser, um estado de espírito. Mas é do modo de ser que se originam o querer e o agir [...]”.

5. Prática educativa para formação emocional

Se a arte de ensinar não garante o aprendizado, uma vez que quem aprende é o aluno, mesmo que se lance mão dos melhores meios para que a aprendizagem ocorra, mais difícil é controlar e ensinar o aprendizado emocional. Como dito, não se trata de uma aprendizagem cognitiva racional, de conhecimentos teóricos. Não é por meio de um processo mecânico, de adestramento, que é do campo da cognição associativa, que se dá a educação emocional.

Há literatura que traz a preocupação com a questão do currículo e da didática pedagógica do processo formativo emocional como é o caso de *Inteligência emocional* e a arte de educar nossos filhos, de Gottman e DeClaire (1997). Várias questões podem ser levantadas relativas à prática: quais estratégias, metodologias e currículo mais apropriado para a educação emocional? No passado, isso não fora tarefa da escola, sua preocupação era com a formação intelectual. Scheler não traz ou não faz nenhuma indicação em seus textos de forma específica sobre isso, como já dito, todavia, este texto anuncia a formação de uma síntese ou mesmo tese, não se trata de uma metodologia, de procedimentos exclusivos divorciados do todo, mas trata-se de um

percurso que caminha dos saber e valores úteis aos mais elevados, desde os que se referem aos sentimentos orgânicos, físicos imediatos, psíquicos até os “puros” universais.

Pode-se considerar que o agente principal nesse processo não é quem educa pelo que ensina, mas quem aprende e se educa, é o aprendiz mediado pelo mestre, o modelo, que pelo amor desperta o saber e um modo de ser pela vivência dos valores mais altos. Nesse sentido, o educador, o formador como modelo não é para ser imitado, mas para despertar no seguidor o valor vivido por ele pelo amor ao saber mais alto no caminho da formação e da humanização.

Scheler (1986) classifica o saber em três níveis ou formas de saberes que estão relacionados entre si e a uma visão hierárquica de valores, distinguindo-se em grau de importância. Desde o saber da realização técnica, científica, ao saber do espírito, das essências, como filosofia e arte, até o saber metafísico, da religião. Nesse sentido, o ideal é que a formação evolua de forma ascendente segundo a hierarquia dos valores e formas de saberes. Cabe então nesse processo o papel e a contribuição das diferentes áreas do conhecimento. Para Scheler, a psicologia tem um papel importante na contribuição da formação emocional no que se refere principalmente aos sentimentos naturais, biofísicos e psíquicos. Ele fez certo contraponto a isso, pois a psicologia naturalista, cognitivista, reduzia a formação emocional às questões de âmbito biogenético ou biológico.

Considerando ainda que a formação emocional não é mera questão de cognição, mas de vivência, torna-se importante que as escolas levem em consideração o papel da cultura escolar, da ambiência e do clima escolar, uma vez que estes contribuem na formação emocional, pois estão relacionados às vivências no interior das escolas.

Quanto ao currículo, é preciso, no entanto que as áreas dos saberes da essência e da metafísica entrem em campo e ocupem lugares adequados, não como servas de outros saberes, mas como fundamento. A formação emocional depende de vivências de virtudes estáveis, apesar da constante mutabilidade da vida. Sennett (2005) mostra que mesmo com a flexibilidade nas relações de trabalho, tornando-as aparentemente mais humanitárias, os problemas emocionais e de identidade são frequentes. Ele considera que “o desenvolvimento do caráter depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança” [...], Scheler mostra isso em sua antropologia e axiologia.

A partir da visão de Scheler de que a formação ocorre em situações de vivências e que não se trata apenas de uma questão subjetiva, mas intersubjetiva, de “relacionalidade”, é possível compreender o quanto um procedimento metodológico é benéfico ao criar situações de vivências e convivências ao nível da emoção pura, da simpatia. Seria então o método sócio-individualizado o mais adequado? Quando Vygotsky trata de ensino e aprendizagem que, segundo ele, ocorre por

meio da relação e correlação entre os diferentes intervenientes e que é importante criar situações em que haja correlacionalidade, seria possível então lançar mão dessa visão metodológica? No entanto, Scheler disso faria crítica, uma vez que essa visão limita-se ao nível orgânico e social, não alcançando o âmbito da emoção pura, do espírito; ela valoriza a cognição. Isso não a desclassifica, apenas a caracteriza como reducionista.

Se a formação emocional se dá prioritariamente em situação de vivência e de intersubjetividade, “relacionalidade”, a pergunta que surge é: como isso se dá em condições de uso das novas tecnologias, ou seja, pela aprendizagem virtual, a distância, numa relação que se estabelece com a máquina? Isso não foi objeto de reflexão de Scheler. Fromm (1981) aponta em *A revolução da Esperança: por uma tecnologia humanizada os efeitos desse tempo sobre o homem*:

Refiro-me à cisão cada vez maior entre a função cerebral-intelectual e a experiência afetivo-emocional; a cisão entre o pensamento e o sentimento, entre a mente e o coração, entre a verdade e a paixão [...]. [...] a racionalidade na vida emocional significa que as emoções afirmam e ajudam a estrutura psíquica da pessoa a manter um equilíbrio harmonioso e ao mesmo tempo auxilia o seu crescimento. Assim, por exemplo, o amor irracional é amor que acentua a dependência da pessoa e, por conseguinte, a ansiedade e a hostilidade. O amor racional é um amor que relaciona intimamente uma pessoa com outra, ao mesmo tempo que conserva sua independência e integridade. (FROMM, 1981, p. 56).

Considerações finais

Para compreender a visão de Scheler sobre as emoções, é preciso levar em consideração sua visão de homem e de valores, que pode ser classificada ou caracterizada como meta-antropológica e meta-axiológica, isto é, uma visão antropológica que transcende uma antropologia e uma axiologia em dimensões naturais. Mesmo que o assunto sobre sua visão de homem, de valores, já seja bastante tratado, a isso faz-se referência porque não é possível compreender o que um autor defende em qualquer área, seja no âmbito da política, da história, da educação, da ética, da religião ou da epistemologia sem esse fundamento básico.

Ao finalizar as considerações sobre o problema proposto e as noções de sua fundamentação, importante lembrar que a formação emocional está cada vez mais em pauta, que não se trata de uma mera justificativa, mas que a educação no âmbito das políticas voltadas à formação docente teria que colocar em seus objetivos e currículos, em seus programas a questão da emocionalidade e sua formação, até porque há muitos trabalhos e pesquisas indicando que essa profissão é desgastante, estressante etc. A prática docente é acometida por situações de conflito, violência, assédio e outras.

Por outro lado, procurou-se mostrar alguns dos aspectos vistos a partir de Scheler sobre o homem e sua formação, destacando o pensamento de teórico como referência para se pensar o processo de formação emocional. Sua especificidade se deve ao fato de trazer uma visão diferenciada em relação as outras teorias ou concepções sobre o homem, sobre a emoção e sobre a formação.

Referências

- COSTA, José Silveira da. 1996. *Max Scheler: o personalismo ético*. São Paulo: Editora Moderna, 127 p.
- FROMM, Erich. 1981. *A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 169 p.
- GINETTI, Emerson. 2010. *A crise dos valores éticos segundo Max Scheler*. São Paulo, SP. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade de São Paulo, PUC-SP, 134 p.
- GOLEMAN, Daniel. 1995. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. 22. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 375 p.
- GOTTMAN, John; DECLAIRE, Joan. 1997. *Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva Ltda, 231 p.
- KLAUS, Leila Rosebeli. 2014. *A abordagem fenomenológica da antropologia filosófica: pessoa e espírito em Max Scheler*. Santa Maria, RS. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 80 p.
- MELLO, Alves Ferreira de. 2007. *O fenômeno da simpatia segundo Max Scheler: Uma pergunta sobre o fundamento filosófico desse fenômeno*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 106 p.
- PEREIRA, Rosane Maria Batista. 2000. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre: EST Edições, 176 p.
- SCHELER, Max. 1998. *Modelos e líderes*. Curitiba: Ed. Universitária Champagnat, 142 p.
- _____. 1986. *Visão filosófica do mundo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 129 p.
- _____. 2003. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 123 p.
- _____. 1950. *Esencia y formas de la simpatia*. Buenos aires, Editorial Losada, S.A. ,361 p.
- _____. 1948. *Ética - Tomo II*. Buenos Aires: Artes Gráficas Bartolomé U. Chiesino, 414 p.
- _____. 2012. *Ordo amoris*. Covilhã: LosoSofia: Poress, 41p.

SENNETT, Richard. 2005. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 204 p.

VEIGA BRANCO, Maria A. 2005. *Romão da. Competência emocional em professores- Um estudo em discursos do campo educativo*. Porto. Dissertação (Mestrado de Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 517 p.

Recebido: 22-11-2018

Aceito: 14-03-2019